

Universidade Federal Fluminense

REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR

Fabio Barboza Passos

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

CONSELHO EDITORIAL

Renato Franco [Diretor]

Ana Paula Mendes de Miranda

Celso José da Costa

Gladys Viviana Gelado

Johannes Kretschmer

Leonardo Marques

Luciano Dias Losekann

Luiz Mors Cabral

Marco Antônio Roxo da Silva

Marco Moriconi

Marco Otávio Bezerra

Ronaldo Gismondi

Silvia Patuzzi

Vágner Camilo Alves

DIRETOR

Renato Junio Franco

Ida Alves

Organizadora

# Páginas paisagens luso-brasileiras

ESTUDOS LITERÁRIOS

 FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN | 60 ANOS



Copyright © 2019 Ida Alves

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

#### Equipe de realização

Editor responsável: Renato Junio Franco

Coordenador de produção: Marcio Oliveira

Preparação: Ricardo Borges

Normalização: Márcia Cristina dos Santos

Capa e diagramação: Marcos Antonio de Jesus

#### Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - CIP

P136 Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários / Ida Alves (organizadora).  
– Niterói : Eduff, 2019. – 304p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-228-1344-5

BISAC LAN010000 LANGUAGE ARTS & DISCIPLINES/ Literacy

1. Cultura. 2. Língua portuguesa. I. Alves, Ida. II. Série.

CDD 469

Ficha catalográfica elaborada por Márcia Cristina dos Santos CRB7-4700

Direitos desta edição reservados à

**Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense**

Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ

CEP 24220-008 - Brasil

Tel.: +55 21 2629-5287

www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Impresso no Brasil, 2019

Foi feito o depósito legal.

## Sumário

Apresentação, 7

*Ida Alves*

Da tentação da mimese à experiência fenomenológica: a paisagem posta em versos por António Nobre, 13

*Annie Gisele Fernandes*

“qual sombra vagar” – sujeitos homossexuais nas paisagens noturnas e ambientes fechados da Lisboa oitocentista, 29

*Eduardo da Cruz*

Paisagens de sensação: a cidade e o crime nos mistérios de Gervásio Lobato, 47

*Andreia Alves Monteiro de Castro*

Metamorfose ambulante: “José Matias” e os deslocamentos, 61

*Elisabeth Fernandes Martini*

Para uma cartografia literária do Bom Jesus de Braga, 79

*José Cândido de Oliveira Martins*

O desafio de pensar em Machado de Assis paisagista, 99

*Maria Elizabeth Chaves de Mello*

“oh, Lisboa, meu lar!”: a paisagem sonhada por Fernando Pessoa, 115

*Catherine Dumas*

O desassossego da Rua dos Douradores, 131

*Ana Cristina Comandulli da Cunha*

Lima Barreto e a paisagem na terra ‘onde tudo o que se planta dá, 145

*Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo*

Geografias da emoção: poesia e fado em Lisboa, 161

*Ida Alves*

Experimentar paisagem: *A Selva*, de Ferreira de Castro, 177

*Alexandre Montauray Baptista Coutinho*

Brasil e Portugal sob o olhar de João Luso/Armando Erse, 191  
*Maria Aparecida Ribeiro*

Povoar a Gândara de Carlos de Oliveira (com vozes), 209  
*Leonardo Gandolfi*

Murilo carioca: espaço, metamorfose, catástrofe, poesia, 225  
*Eduardo Sterzi*

*O omphalus mundi* nos Açores: geograficidade e insularidade em Arquipélago,  
de Joel Neto, 247  
*Márcia Manir Miguel Feitosa*

Nas entranhas do Martinelli: a máquina e o mundo - figurações da paisagem em  
Avalovara, de Osman Lins, 261  
*Maria Aracy Bonfim*

Tu que com cuspo aprendes a paisagem<sup>1</sup> – (geo)grafias de Manuel António Pina, 271  
*Aline Duque Erthal*

Onde tudo começou – breve passeio pela toponímia lusa em cantigas galego-  
portuguesas, 287  
*Gilda Santos*

<sup>1</sup> Verso do poema “A ilha nua” (PINA, 2013, p. 53).

## Apresentação

### Um projeto em execução

Desde 2016, o Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras – PPLB, sediado no Real Gabinete Português de Leitura, vem desenvolvendo mais um projeto de divulgação das culturas de língua portuguesa sob o título de *Páginas Luso-Brasileiras em Movimento*. A partir do tópico da paisagem e com abordagem multidisciplinar, pretende-se discutir as experiências do espaço natural e urbano (percepção de mundo e configurações da paisagem) e a preservação da memória cultural (abordagens históricas dos espaços, percursos ficcionais e práticas turísticas contemporâneas). Para isso, foi construída uma base de dados *on line* que se amplia com a publicação progressiva de “páginas” que tratam, em sua primeira fase de execução, de obras literárias brasileiras e portuguesas, a partir do entrecruzamento de fios de interpretação e análise que focalizam questões literárias, históricas e turísticas em torno das paisagens presentes nesses textos selecionados. O projeto visa extrapolar o espaço universitário para alcançar o ensino fundamental e médio (alunos e professores) brasileiro, português e africano de língua portuguesa para promover o prazer de leitura e a percepção mais visual das culturas de língua portuguesa. A constituição dessa base de dados sobre a literatura portuguesa e a brasileira, pelo eixo da paisagem, possibilita uma forma interativa de conhecer e divulgar tais literaturas sem barreiras geográficas e com uma perspectiva de compreensão que privilegia a paisagem como operador de imaginários: basta lembrar do mar, em Portugal; do sertão, das praias e das florestas, a “tropicalidade”, no Brasil.

Com a certeza da importância dos percursos interdisciplinares que permitem um estudo mais dinâmico e mais atrativo das literaturas de língua portuguesa, um conjunto de investigadores atuantes em Universidades Públicas situadas no Estado do Rio de Janeiro, membros integrantes do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras – PPLB, uniram-se para a execução desse projeto, o qual insiste na importância do contato permanente com o texto literário e sua sedução. A esse grupo permanente, somam-se outros docentes e pesquisadores de diversas universidades brasileiras e estrangeiras para a produção

de novas “páginas”. Pensar a paisagem – uma construção cultural – motiva abordagens literárias, históricas e espaciais (no âmbito do turismo cultural), com a perspectiva contemporânea de formação de novos leitores por meio dos ambientes virtuais.

O projeto é sediado na Universidade Federal Fluminense, a qual mantém Convênio de Cooperação Científica, por meio de seu Instituto de Letras e Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, com o Real Gabinete Português de Leitura, cujo acervo é fundamental para o que se está realizando. Pelo próprio perfil interdisciplinar e interinstitucional do trabalho proposto, alia-se ao Instituto de Letras da UFF a Faculdade de Turismo e seu Programa de Pós-Graduação em Turismo da UFF, os Institutos de Letras e de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e seus Programas de Pós-Graduação sediados, que se responsabilizam academicamente pelos apoios aos seus docentes e discentes integrantes do projeto e pela expansão de suas atividades, em espaço universitário, com auxílios pontuais à realização de eventos, publicações e divulgação a respeito. Além disso, há interlocução com o Grupo de Pesquisa UFF/CNPq *Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa*, liderado pela Profa. Dra. Ida Alves e tendo como colíder a Profa. Dra. Marcia Manir Feitosa, da Universidade Federal do Maranhão, no âmbito do qual, com a colaboração de colegas atuantes em diferentes universidades brasileiras e estrangeiras, procura-se defender a necessidade de atenção maior ao estudo da paisagem na escrita literária, com viés fortemente comparativo e interdisciplinar<sup>2</sup> e com o Projeto português de investigação “Atlas das Paisagens de Portugal Continental” em execução por uma equipe da Universidade Nova de Lisboa, sob coordenação entre 2010 e 2017 de Ana Isabel Queiroz e, a partir de 2018, de Daniel Alves (IHC) e Natália Constâncio (IELT).<sup>3</sup>

As “páginas” que são publicadas em nossa base tratam de obras de escritores que são nomes consagrados ou que precisam ser revistos no âmbito da crítica literária portuguesa e brasileira. Apresentam uma escrita em que as questões que nos prendem a atenção (visualidade, paisagem, natureza, urbanismo, cultura) são problematizadas e se tornam matéria para uma sub-

---

<sup>2</sup> Ver <http://www.gtestudosdepaisagem.uff.br/>

<sup>3</sup> Ver em <http://paisagensliterarias.ielt.org/>

## Lima Barreto e a paisagem na terra 'onde tudo o que se planta dá'

*Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo\**

*Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.  
Minha boca procura a "Canção do exílio".  
Como era mesmo a "Canção do exílio"?  
Eu tão esquecido de minha terra...  
Ai terra que tem palmeiras  
Onde canta o sabiá!*

(Andrade, 1983, p. 74)

No Brasil, das primeiras décadas do século XX, observa-se certo frenesi pedagógico e intensa problematização, feita por médicos, engenheiros e educadores, sobre a cultura e o futuro. Toda uma geração de perfil cientifista procurava argumentar junto à sociedade que, os primeiros anos da República, representavam o momento histórico de "fundação" ou "refundação" do país e regeneração do povo. Em diálogo tenso com o passado histórico, os intelectuais propunham "novas técnicas", "novo saber", "nova sociedade" além de "novo governo".

Nesse debate, um dos pontos escolhidos por Afonso Henriques de Lima Barreto (1888-1922) está a abordagem da invenção do nacional a partir da natureza. Suas pesquisas, polêmicas, artigos, crônicas e obras ficcionais problematizam de que maneira "as raízes visíveis do mundo imaginário" foram por meio da ficção "infiltrados contínua e silenciosamente na realidade cultural (Anderson, 2008, p. 65).

\* Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tem mestrado e doutorado em Teoria da Literatura pela UFRJ. É pesquisadora do CNPq e Procientista UERJ/FAPERJ. Possui artigos e livros publicados sobre o escritor Lima Barreto e entre eles está *Lima Barreto, caminhos de criação* (EDUSP, 2017). Coordena o LABELLE – Laboratório de estudos de cultura e literatura da Belle Époque – sediado no Instituto de Letras, UERJ

## Terra-paraíso

Os relatos, cartas e a iconografia dos primeiros viajantes compõem um estoque de imagens que guardam a paisagem em nossa memória coletiva. Entre os mais importantes está a *Carta* de Pero Vaz de Caminha (antigo funcionário da Casa da Moeda e designado escrivão da futura feitoria de Calicute), a certidão de registro da descoberta do Brasil forma-se por uma conjunção de utopias caracterizadoras do olhar que escreverá a terra. Como agente da burocracia estatal Caminha atende aos princípios determinantes da política de expansão mercantilista ao relatar as limitações técnicas da comunidade indígena, tanto pela forma que considerou primitiva de trabalho, quanto pelos hábitos que os distanciavam das possíveis relações comerciais, semelhantes às asiáticas e africanas.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.

(Caminha, 1977, p. 177)

Para Silvano Santiago (2006), a *Carta* registrou um estoque de imagens que marcarão os textos sobre a cultura, a terra e o país. O autor identificou os discursos evangélico e leigo trabalhando num único plano semântico, evidentes no uso dos verbos “lançar” e “plantar”.

Por um lado é *indispensável* que – metaforicamente – os missionários portugueses *platem* na nova terra a semente da palavra de Deus e, pelo outro é *dispensável* aos civilizadores o trabalho de plantio da semente vegetal na terra selvagem, pois esta é em si ubérrima (Santiago, 2006, p. 89).

Assim, na descrição do país e nos discursos críticos sobre ele inscrevem-se “alta taxa metaforizante por um domínio dos valores ditos espirituais e/ou religiosos sobre os valores materiais e/ou humanos” (Santiago, 2006, p. 89). Se, por um lado, no trabalho religioso o homem será sujeito da ação, guiado pela obediência ao Rei e à Fé, por outro, a natureza por si só será responsável pela transformação da semente.

Não foram, pois, somente os limites de mares e terras, as fronteiras alargadas à época das grandes viagens marítimas e das descobertas: esgarçaram-se os limites entre realidade e imaginário para sustentar as ações e contaminar o olhar dos desbravadores para a paisagem. Na disputa de culturas diferentes para o controle do espaço, mares e rios, florestas e campinas povoaram-se de cardumes, bandos e rebanhos divinos ou infernais; penhascos foram tomados por gigantes, monstros humanos e canibais desenharam-se ao lado do caráter dócil, inocente e prestativo do selvagem associado à velha teoria da bondade natural ou do éden antes do pecado. Todas ficções plausíveis, verossímeis e socializadas, tanto na produção como na recepção, no processo da atividade colonial.

No século XIX, a elite imperial, incumbiu-se da missão de projetar o país e a sua identidade cultural. Caracterizando-se como parte da civilização europeia, perdida nos trópicos, incluiu nesse projeto político a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, entre diversas ações. Para tanto, lançou mão do estoque de metáforas para fundamentar os discursos histórico e geográfico que se tornaram alicerces fundadores da imagem de nação.

Entre os muitos efeitos desse processo metafórico está a criação da Ilha-Brasil, por Varnhagen, na obra publicada entre 1854-1857, *História Geral do Brasil*. Anterior a essa publicação, vale lembrar a *História do Brasil* do poeta e historiador inglês Robert Southey, de 1810, considerada o marco

oficial da historiografia nacional. Os mitos fundadores do nacionalismo, no Império, remetem a um Brasil anterior às navegações e entalhado na própria natureza (Magnoli, 1997, p. 94).

A força da noção da Ilha-Brasil derivaria, precisamente, da subversão do horizonte histórico e diplomático e da sua substituição por um ordenamento ancestral. No lugar dos tratados entre as coroas, em particular, do acerto de Tordesilhas, ela invocava uma verdade prévia, anterior à história. Por essa via, introduzia-se a lógica da descoberta: a descoberta de uma terra preexistente, de um lugar de contornos definidos, de uma entidade indivisível. O Brasil erguia-se como realidade geográfica anterior à colonização, como herança recebida pelos portugueses. Ao invés de conquista e exploração colonial, dádiva e destino (Magnoli, 1997, p. 47).

Observa-se que a “dádiva” e o “destino” orientam o desenho das fronteiras e mapas, na linha do olhar religioso, e metafórico, para a terra. As fronteiras e limites são ‘naturais’, porque naturalmente incrustados na natureza e, por isso, são dons de Deus. Prevalência do discurso espiritual sobre o material (Santiago, 2014). Ainda no século XIX, a busca pelo conhecimento das terras brasileiras motivou dezenas de expedições geográficas, botânicas, zoológicas, etnográficas empreendidas por cientistas de várias nações. Integrante da expedição Thayer (liderada pelo naturalista Louis Agassiz que pretendia reunir dados para o esclarecimento das teorias acerca da evolução das espécies), Charles Hartt (New Brunswick, 1840 – Rio de Janeiro, 1878) iniciou uma viagem exploratória, a partir de junho de 1865, com partida do Vale do Paraíba em direção à Bahia. Viagem bastante metódica, de poucas aventuras, que resultaria no primeiro compêndio regular de geologia brasileira, publicado em 1870, com o título de *Geologia e Geografia física do Brasil*. Em seus textos as imagens dos trópicos, marcadas por palmeiras, o ar perfumado, a densa folhagem, as frutas, o sonho tropical, demonstram a percepção artística, tipicamente romântica, que contamina de pitoresco a descrição científica.

O perfil tropical que, sozinho arrebatava os olhos iniciantes neste cenário é a ocasional, longilínea e graciosa curva do tronco de uma palmeira, com sua maravilhosa coroa de folhas. A brisa vem sobre nós quente e perfumada, e nós a respiramos em largos sorvos. Logo aparece uma clareira, e pode-se ver o perfil baixo de um telhado, como que aninhado em meio à densa folhagem. Em frente, há uma longa linha de coqueiros. Podem-se ver as largas, verdejantes brilhantes folhas da jaca, ou fruta-pão (*Artocarpus integrifolia*), duas espécies de bananeiras e laranjeiras, e não há como sonhar que se está em outro lugar senão nos trópicos. (Hartt, *apud* Freitas, 2001).

A mediação entre a ciência e a arte produz um tratamento poético do objeto contemplado e as paisagens apreendidas são relatadas, por Charles Hartt, como decorrência do nexo de simpatia entre o observador e o mundo natural, reunindo, ao mesmo tempo, aspectos distintos da poética do pitoresco e do sublime. Na mesma medida, tal poetização, ou estetização, permite a visão da natureza como fonte de estímulos à qual correspondem sensações que o artista interpreta, esclarece e comunica. Isto porque “a poética do pitoresco medeia a passagem da sensação ao sentimento: é exatamente nesse processo do físico ao moral que o artista educador é guia dos seus contemporâneos” (Argan, 1992, p. 18). Observamos que na descrição da terra, o divino e o providencial une-se ao pitoresco.

Assim, a ‘graciosa curva do tronco de uma palmeira’ se projetará na descrição física da emblemática personagem Iracema de José de Alencar, “a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira” (Alencar, 1958, p. 238). E, de modo muito interessante, a literatura redesenha o paraíso para o leitor, nas páginas da ficção. Terra-Paraíso é a metáfora cuja origem está na *Carta de Caminha* que se tornou sinônimo de país, como um espelho diante do qual o brasileiro contemplará a paisagem, naturalizando a verde mata, cascatas, sabiás ou o luar do sertão.

## Do paraíso ao inferno

A herança da tradição de leitura e interpretação da terra brasileira inquieta Lima Barreto, sobretudo pela presença do miraculoso acima do trabalho humano. Estudioso e pesquisador, anota em seu *Diário* uma observação crítica ao texto da primeira história do Brasil, do poeta e historiador inglês Robert Southey.

O Paraná (que em tupi significa mar) toma este nome... Serve de limites à província de Minas, Goiás, São Paulo e Paraná; dividindo outrossim o Brasil do Estado Oriental e da Confederação Argentina. Recebe então o Paraguai e o Uruguai, adquirindo o nome de Rio da Prata. Nota do Cônego Fernandes Pinheiro, à *História do Brasil*, de Robert Southey, vol. III, pág. 433. Há aqui um equívoco do Southey. É inexato que o rio Uruguai serve de limites do Império do Brasil à República Oriental. (Lima Barreto, 1956a, p. 190)

A finalidade desse registro esclarece-se quando lemos a crônica, datada de 1919, intitulada *Edificantes notas ao Southey* na qual o escritor explica as intenções de sua pesquisa: conferir os dados citados na conferência “A idéia da pátria”, de Assis Brasil, publicada pelo *Estado de São Paulo*. E, a seguir, Lima Barreto relata a consulta feita aos clássicos Capistrano de Abreu, Vale Cabral, Moreira Pinto para confirmar as impressões de leitura da obra do historiador inglês. Para seu espanto, descobre que mais grave do que a informação incorreta do historiador são as notas, que acompanham a tradução brasileira, feitas pelo “cônego doutor J.C.Fernandes Pinheiro”, capazes de provocar “um completo terremoto na bacia fluvial do Prata” (Lima Barreto, 1956b, p. 193). Em outras palavras, o discurso da geografia toma por base a ficção.

Depois de muitas leituras em enciclopédias e manuais, do alemão Wappoeus aos brasileiros Capistrano, Homem de Melo e outros notáveis, o escritor demonstra a surpresa de, após muitas citações, descobrir que os estudiosos não se entendem quanto à formação, localização e curso do rio

Paraná. “Com quem estará a verdade: com o Cônego doutor F. P. e os seus autorizados geógrafos ou com o Wappoeus, o Capistrano, o Vale Cabral, o Homem de Melo<sup>1</sup> e outros notáveis colaboradores da tradução para o português da obra do alemão?” (Lima Barreto, 1956b, p. 194).

De fato, este pequeno fragmento, se correlacionado às crônicas, cartas e romances do escritor torna-se indicador da especial preocupação do intelectual Lima Barreto com os bastidores da invenção do país: estes apresentam, por um lado, a ausência de rigor nos estudos e na documentação acerca das marcas geográficas e, por outro, indicam também a força das imagens criadas pela literatura para o desenho do país, do homem, da paisagem. Há tanto de arbitrário, de fantasia, de *parti-pris* nacional, que as ingênuas genealogias dos antigos não ficam em nada inferiores às sábias explicações modernas das origens das nacionalidades (Lima Barreto, 1956c, p. 213).

No romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, publicado em 1911 em folhetins e, em 1915 no formato livro, percebemos dois movimentos para abordar essa questão. Primeiro, indica ser a paisagem um componente ficcional inerente à cultura e responsável por sedimentar o corpo da nação, por meio da estratégia do pitoresco. Numa outra perspectiva, a paisagem atua como estratégia para revisão do papel do intelectual e da literatura na invenção do país e, ao mesmo tempo, como recurso de autoconhecimento e autorreflexão.

E é com a força de um extraordinário “Golias” (nome de um dos capítulos onde se acirra a luta do protagonista com a terra) que Policar-

<sup>1</sup> Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825-1876) é um dos pioneiros da crítica literária brasileira. Publicou, entre outros, *Visão de Cabral ou descobrimento do Brasil* (1850); *João Capistrano Honório de Abreu*, (1853- 1927), foi professor do Colégio Pedro II e membro do Instituto Histórico e Geográfico, dedicou-se especialmente à pesquisa e à crítica das fontes de informação. Principal colaborador do catálogo da exposição da História do Brasil (1883, 3vol); Alfredo do Vale Cabral (1851-1899), primeiro organizador da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, preparou os Anais da Imprensa Nacional, 1808-1822, publicados em 1881; Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, (1837-1918), político e escritor brasileiro, foi presidente de várias províncias do Brasil, dedicou-se especialmente ao ensino e pesquisa de geografia e história. Foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

po Quaresma decide comprovar a prodigalidade do paraíso, depois de intensos trinta anos de “meditação patriótica” (Lima Barreto, 1956d, p. 45). Em sua biblioteca encontravam-se os autores nacionais, de Bento Teixeira e Santa Rita Durão a Alencar e Gonçalves Dias e, desses últimos lera as obras completas. Da História do Brasil conhecia a fundo textos de Gabriel Soares de Gandavo a Rocha Pita, Varnhagen, Southey e outros. Além das obras dos viajantes e exploradores, estudara de Hans Staden a Bougainville. Estudou a pátria e suas riquezas naturais e chegou à conclusão de que para resgatar a grandeza do país seria preciso “uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha de preencher” (Lima Barreto, 1956d, p. 120).

Por sugestão da afilhada, Quaresma passa a morar num sítio, ironicamente chamado de ‘Sossego’ e às leituras anteriores acrescentou o estudo de ciências naturais, com noções sólidas de Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia. Depois de um exaustivo inventário da fauna e flora do local, organizou uma biblioteca agrícola, os instrumentos meteorológicos para os trabalhos da lavoura e pôs-se ao trabalho árduo com a terra. Inflexível e corajoso, o major Quaresma assombrava a sabedoria popular de Anastácio, homem rural que, sem qualquer instrumento ou teoria, dava com precisão a hora das chuvas, plantio ou colheita. O narrador flagra a ação destoante e desproporcional de Quaresma, um “Golias” às avessas, no trabalho com o solo, repleto das descrições grandiosas da terra e cego para a realidade diante de seus olhos.

E os dois iam continuando. O velho preto, ligeiro, rápido, raspando o mato rasteiro, com a mão habituada, a cujo impulso a enxada resvalava sem obstáculo pelo solo destruindo a erva má: Quaresma furioso a arrancar torrões de terra daqui, dali, demorando-se muito em cada arbusto e, às vezes, quando o golpe falhava e a lâmina do instrumento roçava a terra, a Força era tanta que se erguia uma poeira infernal, fazendo supor que por aquelas paragens passara um pelotão de cavalaria (Lima Barreto, 1956d, p. 123)

Depois da árdua batalha de adequação, em pleno sol de meio-dia, as primeiras contradições entre seu referencial teórico e a realidade parecem anunciar-se. A associação entre o exuberante brilho do sol nos trópicos e o torpor de morte que provoca irá corroer, aos poucos, as certezas do Major. Apreende com trabalho árduo que a terra, afinal, não era um dádiva divina, em que “tudo o que se planta dá”: “o velho major percebia bem a alma dos trópicos, feita de desencontros como aquele que se via agora, de um sol alto, claro, olímpico, a brilhar sobre um torpor de morte, que ele mesmo provocava” (Lima Barreto, 1956d, p. 124). A visita de Olga, a afilhada, ao sítio permitirá ao leitor a percepção sobreposta da imagem do paraíso e seu reverso. A reflexão da personagem feminina, sobre a terra, apresenta a clássica cena do *locus amoenus*, tópico conhecido da literatura clássica. Observa-se a descrição da paisagem ideal em ambiente de tranquilidade, com elementos como pássaros, águas (cachoeira, cascata), árvores, além de cores, movimento e atmosfera de ar fresco e sereno. Cena do paraíso perdido semelhante à imagem incrustada no coração do leitor.

O lugar não era feio. Uma pequena cachoeira, de uns quinze metros de altura, despenhava-se em três partes, pelo flanco da montanha abaixo. A água estremecia na queda, como que se enrodilhava e vinha pulverizar-se numa grande bacia de pedra, mugindo e roncando. Havia muita verdura e como que toda a cascata vivia sob uma abóbada de árvores. O sol coava-se dificilmente e vinha faiscar sobre a água ou sobre as pedras em pequenas manchas, redondas ou oblongas. Os periquitos, de um verde mais claro, pousados nos galhos eram como as incrustações daquele salão fantástico (Lima Barreto, 1956d, p. 161).

A seguir, o olhar de Olga justapõe outro quadro no seio da paisagem: nele estão a ruína, o abandono, miséria, doença, feiura, solidão com ‘terra abandonada’, “casas em ruínas” e muita dor.

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre (...). Mesmo nas fazendas o espetáculo não era o mais animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. A não ser o café e um milharal, aqui e ali, ela não pôde ver outra lavoura, outra indústria agrícola. Não podia ser só preguiça ou indolência.(...) Seria a terra? Que seria? (Lima Barreto, 1956d, p. 163).

Olga não encontrou no campo homens sadios, felizes e produtivos, tampouco a abundância e fartura, como lhe apregoara o discurso nacionalista. Diante do que viu e chamou de “párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos...(Lima Barreto, 1956d, p. 162), desabafa: “Pensou em ser homem. Se o fosse passaria ali e em outras localidades meses e anos, indagaria, observaria e com certeza havia de encontrar o motivo e o remédio” (Lima Barreto, 1956d, p. 162). O escritor carioca possuía muita sensibilidade para a condição feminina na Primeira República e projeta nas suas personagens os dilemas da mulher na sociedade patriarcal.

A afilhada de Quaresma é uma das mais interessantes personagens femininas desenhadas pelo escritor carioca. Dotada de muita inteligência, educação e grande leitora, Olga reconhece no matrimônio a oportunidade para alçar novos voos, alguns convenientes e outros, quiçá, imprevisíveis. Por isso, Olga “casava por hábito da sociedade, um pouco por curiosidade e para alargar o campo de sua vida e aguçar a sensibilidade” (Lima Barreto, 1956d, p. 102). Naquele contexto, somente a viuvez poderia libertar a mulher da obrigação do casamento, por garantir-lhe relativa autonomia. Como casada, permanece subordinada ao marido e apenas enquanto viúva teria outras oportunidades de ação por já ter ingressado no casamento e adquirido o *status* reconhecido para a mulher.

No romance, o famoso episódio das saúvas marca o início do questionamento de Quaresma acerca da terra brasileira e sua prodigalidade. Enquanto lê um manual de história em que estava escrito “tudo na nossa terra é extraordinário”, um inimigo ínfimo perturba a reflexão de Quaresma a ponto de a inquietação e a angústia não mais abandonarem o personagem.

Em meio a sua leitura sobre o paraíso, brotam as saúvas, que tomam de assalto a terra e seu guardião. “Quaresma pôde ler umas cinco páginas.(...) a bulha continuava.(...) Eram formigas(...) o chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca de sua cidade subterrânea”(Lima Barreto, p. 166).

Crescem as expectativas do leitor – que já havia sido alertado pelas inquietações de Olga – e estas vão engrossar a corrente que desmistifica<sup>2</sup> o olhar para a paisagem brasileira, a partir dos anos 30, do século XX.

É importante observar que um percurso paralelo também se desenvolve no romance: o gradual e doloroso processo de autoconhecimento. O personagem passa da segurança de suas certezas à angústia da dúvida e desespero. A preocupação em anunciar para o leitor a nova etapa da obra, e do protagonista percebe-se na paisagem, que anuncia a transição “Não é noite, não é dia; não é o dilúculo, não é o crepúsculo; é a hora da angústia, é a luz da incerteza. No mar, não há estrelas nem sol que guiem; na terra as aves morrem de encontro às paredes brancas das casas”(Lima Barreto, 1956d, p. 226).

Com a participação na revolta, em defesa da Pátria e do ditador Floriano, Quaresma experimentará todos os limites. Suas convicções sobre os valores nacionais desmoronam e quando exposto à violência, reconhece que, no homem, podem habitar a barbárie e a crueldade, apesar de sua formação humanista e do jeito bom, doce e honesto.

Eu duvido, eu duvido, duvido da justiça disso tudo, duvido sua razão de ser, duvido que seja certo e necessário ir tirar do fundo de nós toda a ferocidade adormecida, aquela ferocidade que se fez e se depositou em nós nos milenários

<sup>2</sup> Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala* (1933), descreve as formas perniciosas de vida vegetal e animal que deixam, bem longe do paraíso, o entusiasmo descrito pelo primeiro cronista: “No homem e nas sementes que ele planta, nas casas que edifica, nos animais que cria para o seu uso ou subsistência, nos arquivos e bibliotecas que organiza para sua cultura intelectual, nos produtos úteis ou de beleza que saem de suas mãos – em tudo se metem larvas, vermes, insetos, roendo, esfuracando, corrompendo. Semente, fruta, madeira, papel, carne, músculos, vasos linfáticos, intestinos, o branco do olho, os dedos dos pés, tudo fica à mercê de inimigos terríveis”(Freire, 1977, p. 119)

combates com as feras, quando disputávamos a terra a elas...  
(..) Além do que penso, que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo o que nele pus de pensamento n]ao foi atingido; e o sangue que derramei, e o sofrimento que vou sofrer toda a vida, foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer... (Lima Barreto, 1956d, p. 271).

Para acompanhar o percurso do protagonista, a paisagem também passa por uma interessante mudança no romance. Saem as cenas de lugares iluminados e exuberantes, como quadros estáticos de recortes na natureza, para cenas que sugerem a efemeridade e movimento. Se quando repleto de certezas quanto ao país e à paisagem Quaresma transitava, e/ou imaginava, cenas paradisíacas, a consciência de sua fragilidade, a angústia e insegurança são pontuadas pelos efeitos estéticos que sugerem fugacidade e dissolução. Assim, sujeito e objeto são moventes, efêmeros, ilusórios, instáveis enfim, expressos nas vibrações coloridas que quase desmaterializam a natureza. Não há interesse em captar os quadros incrustados no imaginário cultural. Agora, interessa apreender o instante de reflexão que se coaduna com o olhar que flagra instantes na natureza em espaços incapazes de oferecer solidez. Numa atmosfera impressionista, a imagem da natureza torna-se cambiante e incerta, tanto quanto a consciência que a contempla.

De tarde, ele ficava a passear, olhando o mar. A viração soprava ainda e as gaivotas continuavam a pescar. Os barcos passavam. Ora, eram lanchas fumarentas que lá iam para o fundo da baía; ora pequenos botes ou canoas, roçavam carinhosamente a superfície das águas, pendendo para lá e para cá, como se as suas alvas velas enfunadas quisessem afagar a espelhenta superfície do abismo. Os Órgãos vinham suavemente morrendo na violeta macia; e o resto era azul, um azul imaterial que inebriava, embriagava, como um licor capitoso (Lima Barreto, 1956d, p. 279).

Além da gradação de cores, observa-se a variedade de sensações e impressões que deixam leitor e personagem com a mesma visão parcial e fragmentada do espaço. No contexto da sofisticada experiência urbana, no início do século XX, “a literatura – como todas as outras formas de olhar, inclusive o fotográfico – voltou-se para o menos evidente. Sem personagens nem rostos tornou-se introspectiva, voltada para os mistérios e percalços da alma humana” (Peixoto, 1996, p. 21). Afinado com a época, Lima Barreto ficcionaliza os processos de subjetivação. Questionar os limites do indivíduo para expor os conflitos da subjetividade, representa uma forte característica da sua produção literária. Através dos dramas de seus personagens e/ou projetando-se como personagem, o escritor realiza reflexões profundas em seus romances e contos sobre a multiplicidade dos estados do indivíduo, seus desejos, escolhas, estilos e caminhos, como a experimentar respostas à questão nietzschiana: “como alguém se torna o que é” (Nietzsche, 1995, p. 48).

No entanto, é preciso destacar que problematizar o percurso de um leitor – o protagonista Policarpo Quaresma – diante dos textos que criaram o sentimento de nacionalidade, tomando como referência a paisagem, mostra-se estratégia relevante e pioneira. Evidencia-se, na obra de Lima Barreto, a crítica à leitura da paisagem a partir da metáfora que conferia à terra o sentido de naturalmente pródiga. A invenção do nacionalismo fundou-se no mesmo princípio e a Literatura participou intensamente desse processo, no diálogo com os textos de viajantes e projetando-se nos discursos histórico e geográfico. Depois de Lima Barreto, os textos da Literatura Brasileira farão a crítica, a esse processo, nos romances, poemas e canções que alcançam nossos dias.

eu brasileiro confesso  
minha culpa meu degredo  
pão seco de cada dia  
tropical melancolia  
negra solidão

aqui é o fim do mundo  
(...)

aqui o terceiro mundo  
pede a bênção vai dormir  
entre cascatas palmeiras  
araçás e bananeiras  
ao canto da juriti

(...)

minha terra tem palmeiras  
onde sopra o vento forte  
da fome com medo muito  
principalmente da morte  
o lé lé lá lá

(Gilberto Gil & Torquato Neto Marginalia II *apud*  
Favaretto, 1979)

## Referências

- ALENCAR, J. de. Iracema. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, v. 3
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Europa, França e Bahia. Alguma poesia. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. Trad. Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rey D. Manuel*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1977.
- FAVARETTO, Celso F. *Tropicália. Alegria, alegoria*. São Paulo: Kairós Ltda, 1979.

FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. In: *Obra Escolhida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

FREITAS, Marcus Vinícius de. *Hartt: Expedições pelo Brasil tropical – 1865-1878*. São Paulo: Metavideo SP Produção e Comunicação LTDA, 2001.

LIMA BARRETO, A.H. de. Diário Íntimo. In: *Obras de Lima Barreto São Paulo: Brasiliense, 1956a*.

\_\_\_\_\_. Bagatelas. In: *Obras de Lima Barreto*. São Paulo, Brasiliense, 1956b.

\_\_\_\_\_. Feiras e Mafuás. In: *Obras de Lima Barreto*. São Paulo, Brasiliense, 1956c.

\_\_\_\_\_. Triste fim de Policarpo Quaresma. In: *Obras de Lima Barreto*. São Paulo, Brasiliense, 1956d.

MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Moderna, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Ed. Senac/ Marca d'Água, 1996.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo *Folha de São Paulo* São Paulo, 07/09/2014 Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/09/1511606-a-literatura-brasileira-a-luz-do-pos-colonialismo.shtml>